

1 ÍNTIMO DOMADO ou ATRAS DO DESVELO, A RAIVA

Não se pode passar distraído pela cultura japonesa. Descobri o Japão num livro. E não foi em Venceslau de Moraes - esse lera-o na adolescência, mais interessada no jogo dos amores do que na diversidade cultural. Foi antes um livro escrito no fim da II Guerra mundial. Para vencerem os japoneses, os estados-maiores americanos fizeram apelo a uma das maiores pioneiras da antropologia. Sem nunca ter ido ao Japão e apenas percorrendo os livros japoneses ou sobre o Japão, Ruth Benedict deu-lhes a chave para entenderem como se conjugavam "O crisântemo e a espada". Também essa chave ficou comigo. Até que um dia pude usá-la - abria-se para mim o tempo do Japão.

Tempo inesquecível marcado pela sensação de analfabetismo total face a todos os sinais. Fascinada por essa experiência até aí única de nada saber do que me rodeava. Não por ficar dependente dos outros para tudo esclarecer mas pelo outro lado do analfabetismo: passar pelos sinais num estado de inocência de antes de tudo. Como era lindo à noite o bairro de Shibuya com anúncios luminosos enchendo de cima a baixo as fachadas dos prédios e a elegância dos caracteres japoneses brilhando como desenhos mágicos sem que (felizmente!) soubesse o que anunciavam. (E a dar comigo a pensar o que seriam as cidades, as ruas, as estradas europeias com anúncios que não me cansassem os neurónios, obrigada que sou a lê-los só pelo facto de os ver!)

Tempo em que tive três excepcionais professores: o cineasta Paulo Rocha, então a filmar "A ilha dos amores" e a mostrar-me o que é a cultura onde se não escolhe o vinho para o jantar mas entre uns pequenos 30 cálices de porcelana lindíssima, cada um com uma pintura diferente, se escolhe aquele em que vai ser servido o saké... E ao mesmo tempo o diplomata Tadeu Costa Soares, que me fêz descobrir esse João Rodrigues, s.j., "o intérprete" de que ninguém fala nos manuais escolares portugueses mas que é conhecido de todas as crianças japonesas por, sendo português, ter sido a primeira pessoa a escrever uma gramática da língua japonesa e ler depois a sua biografia como um dos mais espantosos livros de aventuras...

; o grande sábio da língua e da cultura japonesa, o jesuita Jaime Coelho que sorria, irónico, a todas as minhas interpretações (erradas) das palavras e dos gestos dos japoneses com quem tive de lidar!

Nas duas estadias anuais em Tóquio, acordava em cada dia para uma nova pergunta. Não a curiosidade natural perante o desconhecido; mas uma perturbação de todo o já conhecido, um estremecimento do saber organizado, uma agitação emocional das referências até aí só racionalmente questionáveis.

O "eu" não existe fora do "nós"? O "eu" não tem consciência de nada fora do verbo que o inclui em cada tempo gramatical? O "eu" diluiu-se no ambiente em que se encontra e toma as formas diversas desse



ambiente? E os exemplos abundavam: uma jovem que conhecera na Europa e que se baptizara já aos 19 anos rezava, intensamente recolhida, a meu lado na Missa de domingo; à minha pergunta sobre a igreja que normalmente frequentava respondeu: "mas só vou à igreja quando cá está!" Religiosidade fusional, só experimentada com outros?

A palavra "amor" não tem consistência própria? então como é possível traduzir "Deus é amor"? (tema que ouvira longamente debatido na Sorbonne num doutoramento de uma religiosa japonesa nos anos 60) E no cinema japonês o que seria a piedade, a misericórdia tantas vezes descrita, a par da ausência de qualquer código de ternura precedendo a relação sexual?

E o que significa a coexistência da vénia e da violência? A aparente timidez, placidez e doçura, imbricadas na própria agressividade?

A sociedade vive só da harmonia, não aquela que resulta da conjugação sistemática de modos diferentes mas a que é uma espécie de mimetismo de antes do gesto, de sintonia pressentida antes que qualquer palavra tenha sido pronunciada? Ou será que a harmonia comporta a competição subterrânea, não-dita, mas de uma violência que só os gritos dos samurais que se confrontam trouxeram à superfície? Como se manifesta então quem dá um passo mais na ciência, na tecnologia? estava o Japão preparado a ser uma sociedade mil vezes repetitiva até que dessa repetição do mesmo brotava o gesto, a ideia única e que da "imitação" nascesse a "inovação"? E será esta caminhada da imitação à inovação a ilustração à escala sociológica do princípio tão caro a René Girard quanto à estrutura mimética da pessoa humana?

O mimetismo como estruturador da pessoa talvez seja o ingrediente necessário para a característica fundamental da sociedade japonesa descrita na obra fundadora de Chio Nakane. A sociedade japonesa surge aí com um emaranhado lógico de todas as suas componentes. Não é só uma teia gigantesca - todas as instituições são elas próprias cruzamentos de fios que se tecem à volta de nós fundamentais. Quando se integra uma instituição a teia condiciona os comportamentos e as decisões. Não se abandona um posto de trabalho em virtude de uma fidelidade (cujo conteúdo é difícil exprimir nas categorias mentais japonesas) mas como resultado da posição que se tem na teia. É nela que tudo mutuamente se fortalece e se sustenta.

Mas como justificar então nessa sociedade em teia a resistência à perseguição e às torturas de pessoas concretas, castigadas até ao limite na solidão da sua individualidade, como as personagens de alguns livros do escritor Endo, em particular do romance "Silêncio" que narra os sentimentos dos cristãos torturados durante a grande perseguição das primeiras décadas do séc. XVII? Será que o cristianismo, durante um breve lapso de tempo, permitiu a emergência do "eu", puxado da sua imersão na imanência da vida em sociedade por uma transcendência que é revelada por outro ser humano?